O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2015 - ANO XVIII - Nº 218

EDITORIAL

Comemorado anualmente em 22 de março, o Dia Mundial da Água teve, neste ano, o tema "Água para o Desenvolvimento Sustentável" proposto pela ONU para ser discutido pela sociedade.

Esse tipo de comemoração é um chamado aos países e aos tomadores de decisões, para que impulsionem e fortaleçam políticas públicas para a conservação de água e para garantir saneamento básico para toda a população. Durante 2015, governantes e organizações civis deverão somar esforços na promoção de ações que visem a sensibilizar a sociedade para o citado tema.

No Brasil, vivemos, atualmente, uma das mais graves crises hídricas, sobretudo na região sudeste do país. Essa situação, que, havia muito, estava prevista, expôs o despreparo dos governos, já que nada fora feito para evitá-la, e evidenciou a falta de planejamento e de ações efetivas voltadas para a questão ambiental.

O Brasil, que detém aproximadamente 12% da água do planeta, celebra o Dia Mundial da Água com o desafio de repensar a gestão dos recursos hídricos em seus mais diversos usos, promovendo a utilização sustentável. São necessários cada vez mais investimentos públicos para suprir, principalmente, os centros urbanos. Afinal, não bastasse a escassez em si, temos que conviver com o desperdicio por parte da população e das próprias empresas distribuidoras de água. Essas últimas também devem corrigir suas falhas estruturais, como a demora na correção de vazamentos, entre outras providências. Por outro lado, a escassez no abastecimento está promovendo bons hábitos de economia de água e, por consequência, de energia elétrica.

A finitude da água levou o papa Francisco, no 22 de março deste 2015, a apelar à comunidade internacional para que proteja a água e garanta o acesso universal a ela. Durante a oração do Angelus, dirigindo-se aos fiéis que lotavam a Praça de São Pedro, afirmou: "*A água é o elemento mais essencial à vida e da nossa capacidade de salvaguardá-la e de partilhá-la depende o futuro da humanidade*". E continuou: "*Exorto, portanto, a comunidade internacional para que esteja vigilante para que as águas do planeta estejam adequadamente protegidas e que ninguém seja excluído do uso desse bem, que é um bem comum por excelência*", acrescentou Francisco. Que o mundo o ouça!

Foto: Andréia Marcondes

Surpreendida pela crise hídrica, a sociedade está aprendendo a economizar água, valorizando esse precioso líquido que até há bem pouco tempo parecia ser infinito e que nunca faltaria em nossas torneiras. Urgem ações voltadas para a proteção da Serra da Mantiqueira e de suas inúmeras nascentes.

Mantiqueira: local onde nascem as águas

Considerada uma grande caixa d'água, produtora e armazenadora de água, a Serra da Mantiqueira, ao longo dos séculos, saciou a sede de gerações de valeparaibanos.

Essa importante cadeia de montanhas abriga riqueza ecológica singular. Nela subsistem preciosos remanescentes de ecossistemas nativos da Mata Atlântica – uma da principais formações florestais dos trópicos, hoje restrita a pouco mais de 5% de sua expanção original e seriamente ameaçada de extinção.

Ao longo dos anos, a perda progressiva da cobertura vegetal dessa Serra, decorrente de ações antrópicas, tem levado a danos irreparáveis na sua biodiversidade, bem como à redução da produção de água em suas nascentes. Há muito foi acessa a luz vermelha de alerta avisando que a água faltaria em curto espaço de tempo na região.

O termo Mantiqueira tem origem na toponímia geográfica tupi-guarani com a significação de "local de precipitações abundantes", "local onde se originam as águas" ou, ainda, montanha ou serra "que chora". Os indígenas que habitavam a região assim a denominaram provavelmente devido à elevada umidade do ar e à presença de neblina que, captada pela vegetação que cobre a Serra, produzia inúmeras nascentes e riachos. Os agravos decorrentes da ocupação da Mantiqueira, com a substituição de suas florestas nativas por espécies exóticas, pastagens e construções em áreas protegidas, vinham sendo evidenciados e acompanhados ao longo do tempo. Intensificaram-se, no entanto, nos últimos anos. Com a estiagem que se abateu no Sudeste brasileiro e a consequente crise hídrica do último ano, a Mantiqueira foi atingida de maneira considerável. Houve redução drástica do volume de seus riachos e nascentes que, em alguns lugares, chegaram a secar.

Surpreendida pela crise hídrica, a sociedade está aprendendo, a duras penas, a economizar água, valorizando esse precioso líquido que até há bem pouco tempo parecia ser infinito e que nunca faltaria em nossas torneiras.

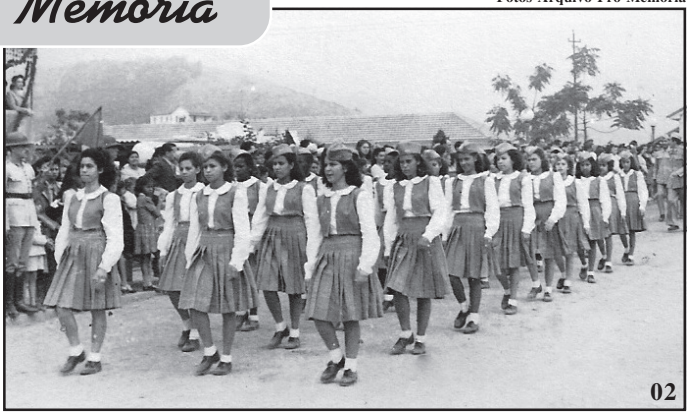
Não dá mais para serem postergadas ações voltadas para a proteção da Serra da Mantiqueira e de suas inúmeras nascentes.

A recuperação de áreas degradadas, bem como o tratamento do esgoto doméstico lançado "in natura" nos ribeirões e a conscientização de que estes corpos d'água não são a cloaca da cidade, precisam ser implementados. E há que contar com a participação da sociedade. Preservar nossas águas é investir no futuro. É apostar na vida!

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória

01


02

03

04

Exemplo de organização

Setembro de 1944. O mundo vivia um dos mais violentos conflitos da história. A II Guerra Mundial se arrastava por cinco longos anos e estava longe de seu término.

Após torpedeamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e a consequente morte de centenas de civis, houve pressão popular sobre o governo federal para que o Brasil declarasse guerra à Alemanha. Em 31 de agosto de 1942 o governo brasileiro declarou o estado de guerra em todo o território nacional.

O envolvimento do Brasil nesse conflito fez Piquete se transformar numa praça de guerra. Devido à presença da FPV no município, este tornou-se área de segurança nacional. As notícias do front, na Europa e no norte da África, eram diariamente estampadas nos jornais brasileiros. A exemplo do que ocorreu por todo o país, também em Piquete havia carestia e falta de alimentos. Os olhos do mundo voltavam-se para o conflito. A grande guerra era o assunto do momento, principalmente após o envio de soldados brasileiros para lutarem na região do Mediterrâneo.

Assim, foi com agradável surpresa que os piquetenses leram na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, na edição de 23 de setembro de 1944, uma notícia que os encheu de indisfarçável orgulho. Intitulado "Exemplo de Organização", o artigo mostrava que o conflito mundial dava ao mundo uma lição dura demais para ser esquecida – só os povos servidos de sólida economia e organizados podiam manter íntegra sua independência. Completava: "Nós, brasileiros, servimo-nos da lição procurando ativamente aparelhar as nossas armas de defesa através do planejamento de uma nova estrutura básica das Forças Armadas. Graças à fiel observância desse programa, traçado e posto em execução pelo governo de Getúlio Vargas, o Brasil viu surgir Volta Redonda e viu remodelarem os seus arsenais e ampliarem as suas fábricas militares, ao mesmo tempo em que surgia no país, dotada de vigor e de recursos autônomos, moderna indústria bélica privada, complementar do minucioso trabalho de preparação dos meios de segurança e de defesa nacionais". Entre as realizações emancipadoras, o artigo citava como "justo motivo de orgulho para o país a Fábrica Presidente Vargas, instalada em Piquete, no coração da Mantiqueira".

Nesse período, a FPV recebeu inúmeras visitas de civis e militares, técnicos e cientistas, que testemunharam o grande trabalho desenvolvido pela Fábrica de Piquete. Assim foi com Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O iminente pedagogo veio, a convite do diretor da Fábrica, coronel Waldemar Brito de Aquino, conhecer o vasto plano de assistência e amparo aos trabalhadores e o programa educacional que, mantidos por órgão próprio, vinham sendo desenvolvidos na Fábrica. A partir de sua visita, Lourenço Filho deu inúmeros testemunhos em jornais da capital federal sobre sua agradável impressão. Em um jornal carioca, por exemplo, reforçou seu entusiasmo pela grande obra que, segundo ele, "não é apenas exemplo de organização". Constatou "a existência de alto grau de eficiência e de exatidão do trabalho, no desdobrar de vasto plano industrial". À margem dos resultados práticos das oficinas, o educador viu o ambiente de fixação do operário à Fábrica pela presença de assistência médica e social e pela preparação e seleção dos seus filhos, "completando tudo um grande exemplo do Brasil, que se arma de eficiência e progresso".

A publicação da Gazeta de Notícias foi bem recebida tanto pela direção da FPV quanto por seus operários. As referências positivas do ilustre Lourenço Filho foram uma injeção de ânimo no Departamento Educacional. O que o professor não sabia é que o que ele presenciou era apenas o início de uma obra maior que viria a ser construída nos anos subsequentes.

Legendas:

01) Professor Pedro Mazza e alunos da Escola Industrial Masculina, em 1944. 02) Alunas da Escola Industrial Feminina, em 1944; 03) Capitão Monte e operários da Fábrica, na década de 1940; 04)Visita do Presidente Getúlio Vargas à Fábrica, em 1940.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Isaías Cândido

Por trinta e cinco anos ele trabalhou na FPV. Tributa sua formação intelectual e profissional a essa instituição. Reconhece que a expansão e o progresso social e educacional de nossa cidade foram promovidos pela Fábrica. Mostra sua admiração pela figura do capitão José Pompeu Monte, idealizador de uma grande obra educacional desenvolvida no município. Fala da organização e do alto grau de eficiência do Departamento Educacional, do entusiasmo dos professores, dos jovens aprendizes e do civismo que predominava à época.

Isaías Cândido da Silva nasceu no bairro do Quilombo, em Cachoeira Paulista, em 7 de maio de 1933. Filho de José Cândido e Ernestina Gonçalves da Silva, era o filho do meio entre três irmãos. A família mudou-se para Piquete em 1938. O pai, trabalhador rural, veio trabalhar na Fábrica. Isaías e os irmãos estudaram no Grupo Escolar da FPV. Após o curso primário, matriculou-se na então Escola Profissional da Fábrica, que viria a se tornar a Escola Industrial. Entusiasmado, conta que tinha aulas todas as manhãs e, à tarde, aulas práticas. Recorda-se da dedicação dos professores Laércio Azevedo, César Dória, Augusto Ribeiro, Pedro Mazza e Osíris de Araújo. Conta que, ao se matricular na escola profissional, foi selecionado para o aprendizado de Mecânica de Máquinas. O professor responsável pela sua formação foi o mestre Willy Wieth, um alemão admirado por muitos que com ele aprenderam "tudo" sobre Mecânica. Isaías conta que "os alunos, depois de concluído o curso, se não ingressavam na Fábrica, eram contratados pela GM, em São José dos Campos, ou pela CSN, em Volta Redonda". A Escola Profissional, além do ensino técnico, foi responsável por excelente formação cívica. "Todos os sábados, tínhamos formação militar ministrada pelo professor Pedro Mazza. Desfilávamos, hasteávamos a bandeira nacional e cantávamos o Hino Nacional...".

Isaías foi admitido na FPV em 1º de junho de 1946. Após a conclusão do curso, passou a trabalhar na 3ª Divisão, na Mecânica de Máquinas, cujo mestre à época era Juca Luz. "Vivi um período significativo da história da Fábrica, quando sua produção era muito grande", afirma. "Eram milhares de operários", complementa. Isaías recorda-se de acidentes graves e da perda de companheiros de trabalho. Fala das muitas amizades consolidadas nas mais de três décadas de trabalho: "Foram inúmeros os companheiros na Mecânica", diz, emocionado. Reconhece que a grande oportunidade de sua vida foi a formação na Escola Profissional da Fábrica.

Por oito anos Isaías trabalhava em dois turnos: durante o dia, era operário da FPV. Ao chegar em casa, no final da tarde, trocava-se e ia para a J. Armando... "Foram anos de jornada dupla". Ao aposentar-se da FPV, continuou com o trabalho na fábrica de plásticos. Lá ficou até completar 65 anos, quando se aposentou novamente.

Viúvo há treze anos, Isaías Cândido foi casado por cinquenta e quatro anos com Olívia Rodrigues da Silva. Fala com orgulho dos três filhos, cinco netos e dois bisnetos... Proprietário de um apartamento no litoral paulista, gosta de passar pequenas temporadas à beira-mar. Quando lá está, no entanto, sente saudades de Piquete e das conversas com os amigos – "Fico sempre por pouco tempo lá embaixo. Gosto de ficar na minha cidade...", afirma Isaías.

Alunos da Escola Profissional da FPV

Descendo a serra

Luiz Flávio Rodrigues

E então me afoguei em um oceano de tanta beleza. O verde era tão verde que brilhava ao sol após aquela chuva intensa. Por entre as nuvens que se dissipavam, o azul era profundo. O ar lavado permitia ver longe, muito longe. Por cima das colinas se avistava uma parte das montanhas. Lá ainda restava uma chuva e parecia que uma cortina branca se abria vagarosamente. Caminhei devagar contemplando cada detalhe. Maritacas barulhentas faziam a festa em uma palmeira coberta de frutos. Dezenas de pássaros diferentes voavam pelo vale. Deus me privou de dons artísticos para pintar a formosura que se descortinava. Mas como queria eternizar essa visão em pinceladas precisas! Mas Deus não me privou de ver toda essa maravilha. Então pude dizer devagar e profundamente meu muito obrigado. Continuei descendo a serra devagar. O vento fresco e úmido brincava com meu cabelo. O cheiro de terra molhada e mato verde era indescritível. Bênção sobre bênção. E descendo numa curva me deparei com o precipício. Uma parede de pedra que descia quase verticalmente até um pequeno vale, lá embaixo. Abelhas trabalhavam freneticamente numa fenda na pedra. Alheias a toda aquela beleza, tornavam-se parte dela. Lá no fim daquela parede de pedra, uma pequena estrada de terra serpenteava em meio às colinas. Ora sumia, ora aparecia; como uma cobra. Mesmo de longe podia se ver que dois cavaleiros por ali andavam na lama. Pelos gestos que se notava, os dois conversavam freneticamente. O que falavam? Da beleza daquele lugar? Ou reclamavam da lama pegajosa? Sumiram após uma curva entre as colinas e segui adiante. De repente, podia ver o vale todo por entre as árvores. Via-se tão longe, que a própria imagem se engolia a si mesma. A leste e a oeste. Nos limites de minha vista cansada, eu olhava pequenas cidades cinzentas. Alguns prédios e fábricas que, de tão grandes, eram visíveis. Marrons, verdes e brancos. Sentei-me na pedra fria e brinquei de identificar esses lugares. Quanta beleza!, pensei comigo, tentando me lembrar de quantas vezes passei por esse mesmo caminho. Duzentas, trezentas vezes? Talvez muito mais! Mas naquele dia, somente naquele dia eu vi o quanto tudo aquilo era belo. Fiz-me uma pergunta: quantas vezes deixamos de olhar o belo? Ele está ali, no meio de tudo. Mesmo em meio ao feio. Levantei-me devagar e tornei a caminhar. Alcancei então uma pequena fonte de água cristalina. Bebi. Gelada. Revigorante. A água sempre procura o melhor caminho. Naturalmente contornava as curvas na estrada e atravessava-a em certa curva precipitando-se barulhenta em uma pequena encosta. Em cada passo uma lição. Quando seremos como a água? Sábia, determinada, insistente e paciente é a água. E assim fui caminhando. E comecei a cantarolar uma canção suave "Obrigado, Senhor, porque és meu amigo, porque sempre comigo tu estás!" Afogado, encharcado e enebriado eu caminhei feliz. Deus havia falado comigo.

Depois do Natal

Do folheto "O Domingo" – Semanário Litúrgico-Catequético nº 59, datado de 24-12-2014, a rubrica em epígrafe diz: "Exaltemos no Senhor, pois nasceu o Salvador do mundo, verdadeira luz, paz e felicidade para a humanidade. Na fragilidade da criança, Deus vem a nós para que subamos a Ele e, fazendo-se humano, quer nos tornar divinos". Foi essa a rubrica da mensagem natalina em forma de missa da noite na cerimônia da vigília natalina.

Na homilia sempre bem explicada e didática de Monsenhor João Bosco, nosso pároco, considerações preciosas. Entre elas, a expressão presépio se refere ao local onde eram reunidos os animais que frequentavam as áreas dos campos da Galileia. Depois o vocábulo foi estendido para o arranjo da reprodução imagética que, na tradição religiosa, a partir de São Francisco de Assis, admitido como o primeiro a representar a cena de Belém do nascimento do Menino Jesus, passou a ser cultuado como figura simbólica enriquecida do imaginário – o Menino na manjedoura. O Monsenhor comentou o nome manjedoura, originado do verbo francês – manger, que significa lugar onde se come. Não é sem motivos que em todos os presépios estão os animais: o boi, o burrinho e as ovelhas. Juntos, os pastores na terra e os anjos do céu.

Anunciado pelo Advento, o nascimento do Menino, filho de Deus e de Maria, trouxe para nós o símbolo da ressurreição e a promessa da vida eterna pelo batismo. Assim, Maria, a sublime mãe, é representada como a redentora do pecado de Eva, que traiu o desígnio edênico e levou Adão a perder o privilégio de com ela habitar o jardim paradisíaco.

Precedido pelas palavras proféticas de Zacarias, o pai de João, e Isaías, autor da profecia do grande nascimento cercado da luz e da promessa de paz no reino de Davi. Narrativa elaborada pelo evangelista Lucas (2. 1-14), que registra o acontecimento junto dos pastores que guardavam rebanhos durante a noite e foram alertados pelo anjo junto aos coros celestes na glorificação divina, em nome da paz.

O quarto domingo do Advento é ligado a Zacarias, cuja esposa, Isabel, prima de Maria, e visitada por ela, deu a luz em idade avançada a um filho designado como o predecessor do Cristo humanado. A incredulidade do próprio Zacarias, o casal dado como estéril, levou-o à mudez, ele um sacerdote do Templo, ao qual a Palavra era fundamental. Entretanto, Zacarias tem o nascimento do filho anunciado pelo arcanjo Gabriel, segundo inscrições no livro de Daniel citado por Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) em "A Infância de Jesus", p.28.

Cumpre-se a profecia: nasce João Batista, para abrir caminho para Jesus. João é o portador da palavra que representa o grande anúncio do nascimento de Jesus. O nascimento de João Batista para os teólogos comemora a união das alianças – a Antiga e a Nova – como uma espécie de ligação entre o Velho e o Novo Testamentos.

Quando nasce João, pergunta-se à mãe, Isabel qual o seu nome e ela dirá: João, nome que repete Zacarias inscrevendo-o na pedra, já que estava mudo. Mas, por obra divina, nesse momento Zacarias destrava a língua, abre a boca e pronuncia "João é o seu nome". Os desígnios sagrados se completariam com o anúncio a Maria e o nascimento de Jesus, evento este comemorado segundo a tradição no Natal.

O anúncio

Bento XVI citando Lucas (1, 26-27) descreve a Anunciação a Maria. "No sexto mês" (da gestação de João Batista) "o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da Virgem era Maria".

O autor citado salienta nessa passagem que os dois acontecimentos em ambas as missões do arcanjo Gabriel estão ligados "também pela informação de que Maria e Isabel – e, consequentemente os seus filhos – são parentes". Jesus é quem vem depois. Visitada por Maria, Isabel sente a alegria do filho João Batista, que salta no ventre materno fazendo-a cumulada do Espírito Santo (cf. Lucas 1, 41).

Jesus é o mais jovem, pois, precedido por João, é o homem que, segundo João, "passou adiante de mim porque existia antes de mim".

Da Anunciação a Maria não constou a expressão judaica "shalom" – a paz esteja contigo –, mas a fórmula grega "Khaire", que se traduz como "Ave", embora o verdadeiro sentido da palavra pelo registro de Bento XVI seja "Alegra-te!". Diz o estudioso ainda que com essa palavra existe o anúncio da grande alegria e inicia propriamente o Novo Testamento.

A universalidade da mensagem contida na saudação de Gabriel a Maria se expressa em Khaire e Kharis – alegria e graça. "Alegra-te, cheia de graça" é a mensagem de Gabriel a Maria. Ela, como a Arca da Aliança, "o lugar de uma verdadeira habitação do Senhor".

Que o Natal nos tenha deixado a mensagem de alegria e paz num mundo tão tumultuado por interesses materializados e conflituosos, sem tempo para a meditação do real significado do evento.

Dóli de Castro Ferreira

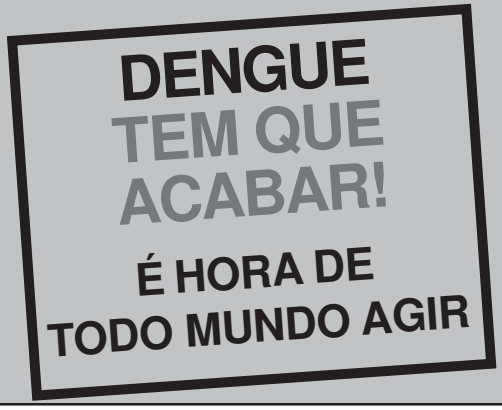
Estamos perdendo a luta contra a dengue

Os meios de comunicação têm nos mostrado que vem crescendo o número de casos de dengue na região. Para os sanitaristas, a dengue não poderá mais ser erradicada do país desde que a doença ressurgiu no país, na segunda metade da década de 1980. O máximo que se pode fazer é controlar os criadouros. A incidência da dengue na região metropolitana do Vale do Paraíba é maior nas cidades de São José dos Campos, Taubaté, Caraguatatuba e Lorena.

Piquete precisa estar alerta, tendo em vista sua proximidade e o fluxo de pessoas que circulam entre as duas cidades. É necessário, portanto, que a população se una para se manter livre do mosquito vetor.

A dengue é uma doença febril aguda causada por vírus e transmitida às pessoas por meio da picada do mosquito Aedes aegypti. A doença manifesta-se por febre, dores de cabeça, nos olhos, nas articulações e nos músculos, náuseas, vômitos e manchas avermelhadas na pele.

A dispersão do mosquito é muito rápida e, consequentemente, da doença, constituindo, hoje, grave problema de saúde pública.



O mosquito gosta de locais urbanos e água parada e limpa. Para prevenção é necessário combater a presença desses criadouros: não deixemos acumular água em vasos de plantas, garrafas vazias, pneus, bebedouros, copos descartáveis, tampinhas de garrafa etc. Tudo que possa acumular água, portanto, deve ser evitado.

Como não existem medidas específicas para o tratamento da dengue, nem vacinas, as medidas preventivas baseiam-se no controle do mosquito e na vigilância de casos suspeitos.

A população tem sua parcela de responsabilidade no combate ao mosquito. As ações para combater e controlar o Aedes aegypti dependem de todos nós. Não vamos perder esta luta!

Sistemas sensíveis

O estado do Pará abriga a maior província mineral do país. Minas Gerais, a maior província ferrífera.

Natural, portanto, que façam jus a polos siderúrgicos.

Com frequência éramos informados do prejuízo ambiental provocado pelo polo gesseiro do Nordeste.

O bioma caatinga, mesmo depois de declarado único no Planeta, continuou a ser destruído com indisfarçáveis consequências.

Nossa memória armazenou uma cena corriqueira em nossa infância.

Todos os meses, as famílias adquiriam sua quota de lenha para o fogão doméstico.

Quando recebo um botijão de gás, não deixo de pensar nas extensas áreas de matas que este acanhado produto do engenho humano conseguiu manter em pé.

Outras providências substituíram a lenha e o carvão vegetal em fornos de padarias, de fábricas e locomotivas.

A consciência ambiental levou o homem a plantar matas para obter a celulose e o carvão vegetal que continua utilizando.

Há ecossistemas sensíveis que se degradam com a substituição da cobertura vegetal. Isto pelas próprias condições do sistema ou pela substituição de extensas áreas contínuas, o que provoca interação defeituosa com outros sistemas.

Polo siderúrgico implica carvão vegetal para siderurgia.

Que impactos advêm da substituição da mata amazônica no Pará; ou do cerrado e da caatinga no norte de Minas?

Urucuia. Veredas. Buritizais enormes.

A luz brotava do chão nas águas delicadas que corriam preguiçosas!

A ciência já havia ensinado: "o cerrado é uma floresta de cabeça para baixo". "onde há buriti, há água".

As raízes das árvores do cerrado se aprofundam na terra e vão captar água muito abaixo da superfície.

As veredas do João secaram. E a população tenta driblar a crise sem o resultado esperado.

Estudantes da Universidade de Montes Claros estão produzindo mudas para fazer renascer o sistema.

Que não desistam! E que toda a sociedade nacional e a comunidade científica amparem o trabalho dos estudantes.

Do lado oposto, no nordeste de Minas, há outro sistema sensível que precisa receber a atenção dos governos e da comunidade científica – é o espaço mesopotâmico Jequitinhonha-Mucuri.

Além de todas as regras elencadas no Código Florestal, há outros conhecimentos que estão disponíveis.

A energia eólica e a das placas solares tornam possíveis a captação e elevação de água. Canais podem interligar os dois rios desde as nascentes criando áreas de excelência para a vida da população.

Espécies de crescimento rápido, nativas ou importadas, podem criar matas plantadas para a produção de celulose e carvão siderúrgico.

É só evitar sistemas sensíveis e delimitar áreas para que outros sistemas não sejam afetados.

Boa sorte aos estudantes de Montes Claros.

Progresso à siderurgia mineira e paraense.

Abigayl Lea da Silva

O Brasil médio

Na última edição de **O ESTAFETA** escrevi sobre os pedidos de impeachment presidencial que começavam a ganhar corpo no país. Os atos do último dia 15, expressivamente grandes, trouxeram novo capítulo sobre o tema e acredito ser necessário falar sobre ele.

Os atos contra o governo petista me parecem motivados, essencialmente, por três causas: crise econômica internacional que atinge o país inviabilizando os tipos de reformas sociais implementadas nos últimos anos, erros do governo em relação à base que, historicamente, lhe deu suporte, e oportunismo político de uma classe média conservadora que nunca aceitou a ideia de um governo identificado com os mais pobres.

Os efeitos da crise econômica internacional são evidentes. A queda no preço dos produtos primários, como soja e minério de ferro, e a desaceleração da economia chinesa, principal parceira do Brasil, geraram queda no PIB e consequente inflação. O governo, na tentativa de conter o problema, colocou em prática uma saída conservadora, através da diminuição da capacidade de compra dos brasileiros por meio de cortes nos financiamentos empresarias e consequente geração de desemprego. Desse modo, um enorme clima de mal-estar tomou conta da sociedade brasileira e a popularidade da presidente veio ao chão – inclusive entre os trabalhadores que recebem até cinco salários, base social que, ao lado dos beneficiários dos programas assistenciais, forma o eleitorado de Dilma.

No entanto, cabe dizer que, pelo menos até agora, a população mais pobre ainda é minoritária nessas manifestações. Segundo o Datafolha, 41% dos manifestantes que ocuparam a Avenida Paulista declararam renda acima de dez salários mínimos, enquanto os que recebem menos de cinco salários representavam 29% dos manifestantes. Se levarmos em conta que cerca de 70% da população brasileira recebem até cinco salários e menos de 5% possuem rendimentos acima de dez salários, fica bastante claro que os atos são, majoritariamente, compostos pela classe média. E aqui, quando identificamos que a essência dos atos é esse setor, temos uma pista importante para compreender a razão de ser desses movimentos.

A classe média brasileira, de modo diferente que o mesmo segmento de outros países, pensa de maneira profundamente conservadora. As razões para isso, como já apontaram intelectuais como Caio Prado Júnior, estariam na formação do país. Como havia no Brasil uma grande parcela de miseráveis sem acesso a empregos dignos, a classe situada logo acima sempre se viu beneficiada pela condição degradante dessas pessoas: pra falar de um passado recente, era possível pagar salários horrendos a empregadas domésticas super exploradas, lavar carros a preços de banana e passar por aeroportos sem o incômodo convívio com a "gentinha" das rodoviárias. O governo petista, ao ampliar programas assistenciais e ao aumentar a formalização do emprego, retirou grande parcela dos brasileiros da condição de miseráveis, e estes, ao ascenderem, deixaram de ser meros burros de carga dos setores médios.

Ao não vermos faixas pedindo a cabeça de outros corruptos notáveis ou investigação dos casos de corrupção como a do metrô de São Paulo, percebemos que a classe média usa a corrupção como fachada para esconder, na verdade, o profundo ódio que nutre ao governo por este ter tirado milhões da miséria e, como consequência, acabado com parte dos seus privilégios de classe. Em suma, de certo modo, Dilma e o PT pagam por seus próprios erros – não avançaram nas políticas sociais e, derrapando nos escândalos de corrupção, se tornaram reféns do Brasil do atraso, ou se preferirem, do "Brasil médio".

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

Grilos...

Palmyro Masiero

Umas cinco horas da tarde... A rua com tráfego intenso em ambos os sentidos apresentava-se à minha frente. Da janela assistia ao vaivém de carros, ônibus, caminhões e motocas dando a impressão de batalharem entre si, numa coreografia insólita, principalmente pela não uniformização. O barulho era variado, inconstante, irritadiço... Início do "rush".

Nessa barafunda toda de movimentos e sons, sabem o que me chamou a atenção? Pois, imaginem! Um pardal no meio do asfalto tentando jantar um grilo! Convenci-me ser grilo devido ao fato de pertencer à ordem dos saltatórios, já que do qual iremos falar, pulava mais do que a galera corinthiana ante um gol do timão.

A ação simples era esta: o pássaro dava uma bicada e o inseto pulava fora. Tal acontecimento, entretanto, não atrairia maior atenção se processado em outro ambiente, outro cenário. Ali, era digno de nota. O pardal, conhecidíssimo, é macaco velho de asfalto, mas mesmo assim, apesar de toda sua malandragem citadina, necessitava ter olhos para não perder o grilo de vista e se safar dos carros que lhe vinham em cima. Dava uma bicada, o inseto pulava e, imediatamente, parecendo um helicóptero, a ave alçava voo quase na vertical, driblando o veículo que vinha lascado. Descia logo em seguida, mais uma bicada, mais um pulo do grilo e mais um voo rápido para cima. Isso tudo variando de mão, ou seja, ora na pista dos carros que subiam, ora na dos que desciam...

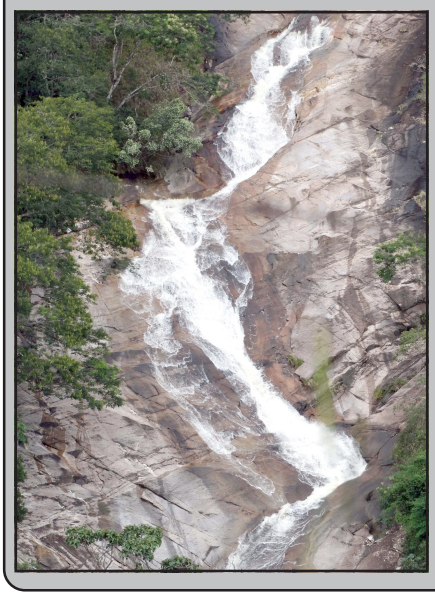
Já o coitadinho do grilo – para quem eu estava torcendo – preocupava-me. Sentia que estava ele irremediavelmente condenado. Sua atenção devia estar voltada totalmente contra o iminente perigo que representava o pássaro que estava querendo papá-lo, ignorando um outro do mesmo naipe ou pior... Nos seus pulos cegos no meio da rua, a qualquer momento poderia ser esmagado pelas rodas dos carros. Isto, logicamente, não deveria interessar a ele, e, creio eu, muito menos ao pardal, que não poderia se refestelar com o que sobrasse do coitado, laminando e remendando o asfalto diante daquele movimento desenfreado. Até ali teve sorte. Mas também, que diabos! O que tinha aquele grilo de vir grilar no centro da cidade? Se veio atrás de aventuras, danou-se; se se perdeu, perdido estava. Só posso dizer que o nosso grilinho se encontrava literalmente naquela situação do "se ficar, o bicho come; se correr, o bicho pega".

Após muitas bicadas e fugidas em arranco, o pardal devia ter mutilado o grilo, que já não pulava mais tão alto. Por fim, o pardal prendeu o grilo pelo bico e se mandou para um telhado. Faustosa ceia depois de tanto sacrifício e arrojo.

Um drama de vida e morte no asfalto! Há todavia, uma lógica natural para isso. Pássaros comem insetos para sobreviver. Uma luta de mortes, sem dúvidas, mas isenta de ódio. Dentro da irracionalidade, apenas o ciclo natural para continuar a existir...

Triste são os racionais se digladiarem no asfalto somente pela falência do amor.

22 de Março – Dia da Água



Embora o Brasil seja o primeiro país em disponibilidade hídrica em rios do mundo, a poluição e o uso inadequado comprometem esse recurso em várias regiões do país.

Sem água potável, que é o alicerce da vida, a sociedade humana desaparece. Na atualidade, das 203 nações do mundo, cerca de 60 estão em conflito e em torno de 36 estão em guerra por causa da água.

Não podemos nos descuidar da preservação de nossas nascentes e das práticas de uso que evitem ou, pelo menos, reduzam o desperdício.

A disponibilidade e qualidade dos recursos hídricos estão intimamente ligadas às florestas que protegem as nascentes e mananciais e os mantêm limpos.

Malhação

Edival da Silva Castro

A garotada almejava esses dias para poder malhar o judas, talvez até para se descontraír de algumas emoções reprimidas.

Logo pela manhã, os idealizadores visitavam as casas à cata de calça, camisa, sapatos, luvas ou mesmo um chapéu para compor o judas.

Palha e jornal davam forma a ele. Na cara redonda, pintava-se com carvão os olhos, as sobrancelhas, o nariz. Procurava-se fazer uma boca torta, feia e dentuça. Às vezes, um charuto lhe caía bem. Calçavam-lhe os sapatos e as luvas; na cabeça, o chapéu de palha, para deixá-lo mais jocoso. No cós, um cinto qualquer.

O estafermo, amarrado à meia-altura, em volteios, fazia transparecer uma verdadeira dança macabra. As palavras de ordem eram aleluia, aleluia, aleluia!

A espera das 12h era angustiante.

Bem antes dos sinos repicarem, o judas já ardia. Com porretadas violentas era despedaçado e arrastado pela avenida a fora, numa caçoada alegre.

Nos quadrantes da cidade estava irrompida a aleluia.

Os garotos, de bornal a tiracolo, iam de casa em casa pedindo aleluia. Defronte à casa, ouvia-se a vozearia: aleluia, aleluia, aleluia! Era o brado firme da garotada pedinte.

Aceitava-se qualquer dádiva quando alguém a fazia; em consonância, saíam agradecendo: Deus lhe pague! Deus lhe pague!

Quando não se fazia, em voz uníssona, saíam gritando: Pão-duro, miserável! Pão-duro, miserável!

Jogava-se de tudo: balas sortidas, chocolates, moedas, pinhões, laranjas e até gomos de cana.

Malhação-do-judas, sátira aos costumes e às pessoas que se está difamando – um jeito extrovertido de expor o introvertido.

Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

"O ESTAFETA"

www.issuu.com/oestafeta

Quem somos? Por que estamos aqui?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Vivemos um período conturbado em muitas áreas.

O posicionamento de alguns não é aceito por outros e isso vem gerando posturas extremas. Assim tem sido em relação à religião, por exemplo. Também no que diz respeito à alegada "liberdade de expressão". O embate entre defensores desses dois temas levou a um atentado que ceifou a vida de várias pessoas.

Quem está certo?

Pode parecer lugar comum, mas sou a favor do bom-senso. Pra mim, minha liberdade vai até o ponto em que começa a do outro. Não julgo correta a falta de respeito à crença, à opção sexual, à forma de se vestir, ao gosto musical, artístico e por aí vai. É claro que uma vez evidenciada a falta de respeito, não sou a favor da intolerância e da violência. Num mundo ideal – infelizmente, longe do que é este em que vivemos, portanto – a justiça deveria ser o meio de questionamento do ofendido e de retratação por parte de quem ofendeu.

Muito se questiona, por exemplo, sobre a origem da vida. A Ciência clama para si a verdade, derrubando por terra a fé de várias religiões monoteístas. Novamente entra em cena a pergunta: "Quem está certo"? Não há provas cabais de que é a Ciência. Também não as há para ratificar os dogmas religiosos.

Quero chegar a um ponto: a quem importa quem está certo? O que importa é em que acreditamos. Se outros pensam diferente, amém! Essencial, no entanto, é que nos respeitemos mutuamente, que vivamos cada um com nossos conceitos, nossos valores. Há um Deus único? Eu acredito que sim. Então, que me respeitem os ateus. Não me julguem o errado, pois eu não os tacho como "hereges". Esse tempo da discórdia, da imposição do pensamento único há muito está ultrapassado.

No premiado "A Teoria de Tudo", filme sobre o físico inglês Stephen Hawking, um trecho me chamou atenção. Em certo momento, Hawking, que buscava a explicação para a origem do universo, afirma: "A discussão sobre a origem da vida importa à Filosofia e à Ciência". E questiona: "Quem somos? Por que estamos aqui?". A essas perguntas responde com uma incerteza: "Se algum dia soubermos, será o maior triunfo da humanidade, pois, nesse momento, conheceremos a mente de Deus".

Hawking se curva à dúvida sobre a existência de Deus. Se até ele, um dos grandes nomes da inteligência humana, um cético cientista, tem seus questionamentos e não se afirma exato, também podemos ter a prerrogativa da dúvida.

São direitos inalienáveis termos nossos valores e desejá-los respeitados. Havemos que entender, no entanto, que o mesmo se passa com toda a sociedade. Desrespeitando os valores de outrem, corremos o risco de resvalar no preconceito. Nesse momento, então, perderemos a razão. Vamos, portanto, nos respeitar, ser mais tolerantes! Somente assim teremos um mundo em que união e paz serão a tônica e estaremos mais próximos das respostas aos nossos questionamentos.

Memória de Laura

Laura Bittencourt Damico

Na minha memória Laura viceja como uma flor. Laurinha, ficou uma saudade.

Ainda era cedo para partir, mas Deus, que é a essência do amor, senhor do tempo que nos concede, assim o decidiu e, você, Laura, como um traço luminoso, calma e serena aquiesceu. Você, que se aprofundou na espiritualidade. Que sentia a necessidade da proximidade dos amigos, extremamente sensível. Terna ao se lembrar de Dulce e Zé Damico, seus pais, honrando-lhes a memória, continuando a obra compassiva da mãe em benefício dos necessitados no tratamento do câncer. E na carinhosa lembrança dos avós, particularmente de Dona Laura, a quem homenageava com o nome. E a lembrança dos tios e tias, aos quais se referia como elos familiares cultivados na sólida argamassa estabelecida desde o berço e os braços maternos.

Laura, convivi com você, aqui e em São Paulo. Víamo-nos constantemente. Convidei-a para lecionar comigo no curso Santa Inês. Você aceitou e lá ficou algum tempo. Depois, mudou de rumo. Lá lecionava Inglês, de sua formação em Letras. Decidiu, então, fazer o curso de Direito, e o fez na Universidade Mackenzie, vizinha da sua residência em São Paulo, na rua Maria Antônia. Formou-se e convidou-me para a solenidade de colação de grau no Anhembi. Não pude comparecer pelo excesso de trabalho e estudos. Mandei-lhe um cartão com os parabéns, mensageiro de minha admiração.

Recebi só carinhos de você, Laura, como os recebera de Dulce e Zé. Gostei sempre de chamá-la de Laura, sem o diminutivo. Acho Laura um nome bonito e solene.

Você, que sempre foi muito alegre, comemorou os 60 anos com uma grande festa, prazer enorme de seus amigos e conhecidos. Apesar de saber-me lá, enquanto a festa foi aqui, não deixou de me convidar, marcar lugar e insistir em minha presença. Não sei se correspondi na medida esperada.

Gosto de me lembrar de você, Laura, numa linda fantasia de baiana, ricamente bordada de lantejoulas verdes e amarelas no desfile na Escola de Samba Império do Brás. O riso contagiante de Laura deixava aquele carnaval mais alegre. Brilhe sempre para nós! ***Dóli de Castro Ferreira***

E viva a FPV!

No dia 15 de março a Fábrica Presidente Vargas completou 106 anos de sua inauguração.

Imaginem nossa Piquete lá pelos idos de 1902... Uma Vila pobre e sem recursos recebe a promessa de investimento vultoso e de instalação de uma fábrica com tecnologia de ponta. Se não conseguirem imaginar, pensem, atualmente, em Bacabeira, no Maranhão, e em São Gonçalo do Amarante, no Ceará, municípios pequenos e carentes nos quais seriam instaladas refinarias da Petrobras: havia a expectativa de um salto inimaginável na qualidade de vida, de criação de número significativo de empregos. Imaginem o impacto negativo com o cancelamento das obras. Foi tudo para o fundo do poço – e não era poço de petróleo. Já Piquete teve efetivamente instalada, em 1909, a indústria que fez com que a cidade crescesse e se desenvolvesse.

Ao longo de quase sete décadas, a "Fábrica" foi pai e mãe de Piquete. Transformou a geografia da cidade, enriqueceu a arquitetura, proporcionou saúde, educação, cultura, lazer... Formou homens e moldou o futuro de gerações de piquetenses.

Imaginem Piquete sem a Fábrica. É difícil. Não há como separar as histórias de ambas – caminharam sempre juntas.

Essencial é lembrar que também a Fábrica recebeu muito dos piquetenses. Os milhares de operários que lá trabalharam tornaram-na imponente e importante para o Exército brasileiro e, consequentemente, para a defesa e a história nacionais. Muitos, literalmente, deram a vida pela Fábrica.

Se hoje a conjuntura não permite que a Fábrica arque com tudo o que durante décadas proporcionou, isso não diminui sua importância para a cidade e para os piquetenses. Ainda são muitas as famílias que dependem dela e seu impacto econômico é vital para o município.

Que a FPV seja lembrada sempre! Que o progresso adentre a grota encravada na Mantiqueira e por lá se estabeleça!

O mundo atual carece de ternura

Dentre as diversas crises de nosso tempo, a mais ameaçadora, a meu ver, é a da ternura. Sem ternura não se pode viver. Quando visito a zona rural, surpreendo-me admirando os cuidados de uma ou outra vaca com suas crias. O termo latino *teneru* pode referir-se aos bezerrinhos. De fato eles são umas graças. Vê-los nos causa o desejo de tanger... Parecem sempre delicados e macios. Ternura é o prazer do afago, do cuidado, sentido por quem toca e por quem é tocado. É o cuidado da vaca com seu bezerrinho. Não há coisa mais terna de se ver. O existir carece de afago, tanto quanto de leite.

Noutro dia encontrei um filhote de bem-te-vi no quintal. O coitadinho estava caído no chão. Ainda não tinha penas; as formigas já o rodeavam. Recolhi o pequenino e comecei a cuidar dele... Agora já está adulto. Vive solto, mas não abandona minha goiabeira. Quando vou ao quintal e o chamo, não tarda a vir pousar em minha cabeça. Ofereço frutas, ele as bica em minha mão, depois volta a voar. A criação é repleta de ternura, gosta de ser tocada e de nos tocar. Nossa cultura, porém, herdeira da modernidade, é carente desse princípio tão vital. A razão moderna desenvolveu as ciências positivas que transformaram o mundo por meio das tecnologias, mas também o coisificaram. O mundo se tornou objeto de pesquisas e de utilização. Por um lado, promoveram grandes avanços; por outro, a degradação de toda a comunidade de vida. Manoel de Barros diz que a Ciência pode medir o tamanho e o peso de um pássaro, mas não mensura o encantamento que ele nos causa – esse é o campo da ternura. As ciências nos enriqueceram com as tecnologias, mas, sem ternura não usamos bem os avanços conquistados. Somente a ternura pode produzir o cuidado, o respeito, a delicadeza, a poesia, a espiritualidade. Todas essas coisas são requintes humanos fomentados pela ternura.

Hoje há muita rispidez, intolerância, radicalizações em posturas e pensamentos. Há discursos de ódio, fechamentos irracionais ao outro. Temos conflitos de grandes proporções entre povos e nações. Temos, também, porém, pequenos conflitos que dividem amigos, famílias e outros grupos sociais, patrocinados pela mesma incapacidade de conviver e de abrir-se ao encontro com o outro. Uma sociedade construída sobre a competição e a intolerância é suicida, destrói-se de dentro para fora.

É urgente redescobrirmos a possibilidade de ser ternos. É preciso nos exercitarmos na docilidade, na gentileza; aprendermos a abandonar as trincheiras e não abrir novas. Da belicosidade que marca nosso tempo à capacidade de afagar, cuidar, tocar e encontrar os outros – eis o caminho necessário para que se possa sustentar e suportar a vida numa casa comum.

Pe. Fabrício Beckmann

Crise hídrica chega à Serra da Mantiqueira

Não podemos dizer que a crise hídrica que assola o Sudeste brasileiro e atingiu com maior gravidade a região metropolitana da maior cidade do país tenha pegado de surpresa governos e população. A morte anunciada de nossos rios e nascentes havia muito era esperada.

O histórico descaso para o meio ambiente e a falta de planejamento e de priorização das questões ambientais concorreram para que nossas bacias hidrográficas fossem sendo espoliadas. No estado de SP, nascentes e riachos se encontram assoreados e poluídos. O crescimento de nossas cidades, sem levar em consideração a preservação dos mananciais e o abastecimento hídrico, é o grande responsável por esse problema. No estado de São Paulo pouco resta da Mata Atlântica que o cobria. É preciso ressaltar: sem florestas não se tem água.

Para nós, valeparaibanos, um olhar especial deve ser direcionado para a Serra da Mantiqueira. Muito de seus inúmeros cursos d'água são tributários da margem esquerda do rio Paraíba do Sul.

A atual crise hídrica aponta, também, que a Mantiqueira está muito fragilizada. Considerada área prioritária para a conservação e recuperação da biodiversidade do estado de São Paulo, o governo paulista ficou de estudar a melhor maneira de solucionar o problema. Enquanto nada acontece, esse rico patrimônio ambiental vem, paulatinamente, perdendo suas poucas áreas de florestas para a ocupação imobiliária, as queimadas, os plantios irregulares, entre outros.

As características especiais desse maciço montanhoso fazem da Mantiqueira uma das regiões mais ricas em paisagens, biodiversidade e cultura. No entanto, a falta de ações efetivas dos governos coloca-a em risco contínuo. Quem sabe, a atual crise abra os olhos da sociedade e esta passe a respeitar essa maravilha da natureza, cobrando empenho e ações dos governantes para nossa Serra.

Fotos Arquivo Pró-Memória